omo todos tem acompanhado, nossa *Classica* tem passado por várias mudanças. Durante a preparação desse número, Fernando Mattiolli, orientando de doutorado do professor Ivan Esperança Rocha (Unesp/Assis), entrou em contato enviando uma entrevista com o Dr. Marcel Sigrist, especialista em Oriente Próximo, mais especificamente, em estudos na área de assiriologia. Quando o Conselho Editorial avaliou a possibilidade de publicá-la, discutiu, também, a importância de trabalhos como esse para divulgar campos de estudos e experiências de pesquisadores do mundo antigo tanto no Brasil como no exterior, incentivando a todos a conhecerem diferentes olhares de profissionais que dedicaram suas vidas a trabalhar com Antiguidade. A razão, portanto, pela qual esse número se inicia com ela é aquela de inaugurar mais uma modalidade de publicação: um espaço com depoimentos que inspirem críticas, debates, troca de experiência profissional e, também, de documentação e memória.

Além desse novo espaço, o número também conta com artigos diversificados sobre arqueologia, história, filosofia e traduções críticas, além de duas resenhas. Airton Pollini inicia o número com uma discussão teórica e atual sobre a ideia de fronteira no mundo antigo a partir de um estudo de caso de Síbaris, colônia grega no sul da península itálica. Alexandre Agnolon apresenta uma instigante análise de epigramas dedicados a Filênis, tratadista de manual erótico. Ao traduzi-los, discute a sagacidade dos jogos amorosos presente nos versos selecionados. Claudio Umpierre Carlan nos conduz à Antiguidade Tardia, discutindo o cristianismo analisando questões políticas e sociais dos conflitos do período a partir da numismática. Danilo Andrade Tabone recorre à arqueologia para propor uma reflexão sobre espaços sagrados em territórios não helênicos. Assim como Pollini, discute possibilidades e concei-

tos alternativos para entender a complexidade das relações culturais na antiguidade. Já Gilmario Guerreiro da Costa discute a inteligibilidade da tragédia, conceitos e definições a partir da filosofia do trágico, explorando seus múltiplos planos como obra de arte. Lidia Raquel Miranda e Helga María Lell tratam do cristianismo em outro momento, a partir de Paulo: em uma abordagem bastante instigante, discutem a epistola a Filemón. Na epistola Paulo trata da discussão do status Onésimo, não pede sua liberdade, mas que o escravo seja tratado como irmão, trazendo à tona um debate entre o direito positivo e o divino. José Trindade Santos, por sua vez, apresenta uma discussão sobre Platão e o postulado da infalibilidade do saber. Maddalena Vallozza nos apresenta uma reflexão sobre retórica a partir de uma crítica das anedotas sobre Demóstenes e seus problemas de voz. Para tanto, recorre a Quintiliano, Cícero e Plutarco. Rafael Faraco Benthien, por sua vez, discute a moderna Universidade francesa e analisa as lógicas de diferenciação de pesquisa e trabalho entre helenistas e latinistas no final do século XIX e início do XX. Ao final temos duas resenhas: uma de Brunno Vieira sobre a tradução de Márcio Thamos do canto I da Eneida e outra de Pedro Paulo Funari da tradução de Ramón Teja acerca da Vida de Porfirio, bispo de Gaza.

Temas variados e discussões teóricas instigantes compõem esse número da *Classica*, renovando abordagens e propondo novos diálogos entre presente e passado. A todos e todas uma boa leitura.

> RENATA SENNA GARRAFFONI (Editora da *Classica* e vice-Presidente da SBEC)